



A NECESSIDADE DO RESGATE: UMA ANÁLISE DO FILME A ESCOLA DA VIDA, SOB A ÓPTICA DO ENSINO DE HISTÓRIA.

Alex Pereira da Silva¹
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
Email: aleks1928@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este breve artigo propõe uma reflexão constituída na problemática da inserção da história dita “pós-moderna”, tendo como principal ênfase na ideia do não resgate, restritamente nos primeiros anos de ensino sob a perjurá de constituir uma maior atração por parte do corpo discente aos assuntos que estão sendo veiculados em sala de aula. Deste modo através da postura de abordagem utilizada pelo personagem “Mr. D”, que se trata do protagonista do filme “escola da vida”, pode-se perceber que há uma necessidade de constituir uma mediação entre a abordagem acadêmica e a abordagem escolar, onde o componente curricular necessariamente deve assumir uma sedução aos ouvidos do interlocutor, integrante de um espaço escolar notoriamente pragmático.

A partir de uma revisão bibliográfica e da leitura visual dos apontamentos do filme “a escola da vida”, principalmente no que este se refere a abordagem do docente responsável pela disseminação do conhecimento histórico formalizado através do currículo, pode-se conceber no espaço da sala de aula, no que se refere aos primeiros contatos com o ensino de história uma necessidade de haver uma mediação entre a história discutida na academia. Sendo a história dita pós-moderna notoriamente influenciada por um vínculo com a concepção “desnaturalizada” dos discursos, e a história necessária aos primeiros contatos com o aluno, que indubitavelmente necessita de um aporte metodológico e teórico que constitua um “encantamento” nos discentes, que por consequência, ajudam estes, a assimilar de maneira mais pujante os preceitos do saber histórico nas suas “linhas” e posteriormente nas suas “entrelinhas”.

¹ Graduando em história pela Universidade Estadual da Paraíba e Bolsista do PIBID, financiado pela CAPES.



Deste modo, conceber uma prospecção reflexiva em meio à análise do ensino de história, sob a égide de uma temporalidade concebida por alguns de contemporaneidade, outros pós-modernidade, torna-se notoriamente problemático na medida em que existe uma linha tênue entre a funcionalidade e a viabilidade deste saber no âmbito social. O que a concebe sua abordagem preponderante para sua inserção no corpo discente, sendo que esta implementação perpassa também sobre o aporte de uma epistemologia que assume um papel crucial para o que este saber deve almejar: incitar a reflexão.

A interposição exercida entre a funcionalidade de uma teoria simbiótica com a metodologia de sua inserção, sob a análise de um objeto, é o princípio de uma história formalizada, que proporciona um teor crítico, contudo, esta óptica de análise nos primeiros contatos do corpo discente com a história, deve ser moderada, na medida em que, pode constituir uma repulsa exacerba pelos discentes ao campo de saber. Este sentimento inviabilizaria a veiculação de uma reflexão histórica, sob a égide do mais enfático “devir” do professor de história, que é incitar o senso crítico no objeto constituinte de sua abordagem: o “remetente” do discurso. Nesta pressuposição adentra ferrenhamente a postura do discente, frente à veiculação e do aprendizado, que possibilitará posteriormente uma reflexão, contudo, emerge a pujante pergunta: como é possível constituir uma inteligibilidade com o que se almeja a abordagem sobre a ausência “encantamento” do receptor do discurso? Assim, surge a exemplificação de metodologia empregada por “Mr. D”.

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O MÉTODO DO “MR. D” E SUAS CONSTRUIÇÕES AO ENSINO DE HISTÓRIA NOS PRIMEIROS ANOS.

O filme “A escola da vida” traz um personagem, denominado de MR. D², que pode ser concebido como a materialização de um docente que consegue transpor uma aplicabilidade do saber histórico de maneira notoriamente performática, assim como, necessária, na medida em que este busca constituir uma paisagem em meio à imaginação dos interlocutores de suas abordagens, atribuindo assim, uma propositura comportamental de “encantamento” sob o corpo discente, o que

² O nome do personagem na verdade é D’Angelo, contudo, este é carinhosamente chamado de senhor/ MR D, tanto pelo corpo discente, quanto pelo corpo docente que constitui a obra.



preconiza uma fortuita “imersão” da abordagem em meio à implementação dos primeiros fundamentos o saber histórico.

O que remonta uma cena emblemática do filme sobre a postura do “senhor D” é uma de suas aulas sobre o “suposto” cotidiano dos “indígenas norte-americanos”, este assume uma postura de criação, logo, percebe-se a constituição de um aporte epistemológico e metodológico, necessário para o saber histórico criar um “encantamento” o que preconiza uma maior possibilidade do saber histórico “atingir” suas concepções. Este exercício também pode possibilitar uma maior proximidade entre a história e o corpo discente possibilitando o “estranhamento”, que pressupõe uma reflexão sobre o objeto, na medida em que, este constitui uma “suposta” aproximação entre o discente e o tema abordado.

Assumindo um autor como parâmetro para esta discussão sobre a necessidade de uma mediação entre as ramificações de abordagem da história, se pode empregar Paul Veyne, que maneira bem fundamentada afirma que “a história não faz reviver” (VEYNE, 1997, p.17), o que no âmbito acadêmico deve ser concebido como uma postura mais coerente de lidar com a historiografia, sendo esta uma prática discursiva que parte de um lugar³. Entretanto na escola este direcionamento teórico e metodológico implantaria na “psique” do corpo discente um estado niilista⁴ sobre a necessidade, ou ainda, a solidez do conhecimento histórico, o que preconizaria ainda mais a crise de relevância, por parte do corpo discente, acerca do saber histórico. O que não implica disseminar verdades engessadas.

Outra grande proposta abrangida por Mr. D, em meio às práticas pedagógicas do ensino de história deambula sob a tendência psicanalítica de Piaget, na medida em que, na aula do referente personagem/docente o conhecimento emerge através de práticas de interação entre o sujeito discursivo e o objeto remetente, respectivamente o docente e o discente, como coloca Menezes (2011) “evidenciando, assim, que o conhecimento não está no sujeito como queriam os inatistas, nem no objeto, como diziam os empiristas”, mas uma comum fluidez, constituída, tanto pela interação entre os corpos na sala de aulas, mas também sob a óptica de um transporte decorrido pela narrativa, “reconstituindo” assim, o

³ Ver a “operação historiográfica” do autor Michel de Certeau.

⁴ Expressão utilizada pelo alemão Friedrich Nietzsche, principalmente na obra o Anti-cristo, pressupõe uma falta de sentido no ofício de um emprego de um ato.



acontecido na medida em que se estabelecem conjecturas de abordagens. O que projeta em qualquer esboço de análise e a relação constituída entre os receptores do discurso e o objeto, projetado na abordagem, o que de maneira enfática é apresentado por Mr. D, pressupondo a necessidade de uma simpatia constituinte inseparável de um envolvimento, que com a história acontece como sua capacidade de “transporte no tempo”, guiada por uma epistemologia, um tanto quanto, simbiótica entre o fato e o acontecimento.

A NECESSIDADE DE UM RESGATE

O ponto mais enfático constituído sob a óptica do ensino história e sua funcionalidade, deve ser percebido como aspecto inerente de sua propositura de abordagem. Inevitavelmente o saber histórico “abala” as estruturas psíquicas do corpo discente quando existe uma proximidade entre o discurso e o receptor, contudo, os enunciados devem ser abordados como meras “representações” da realidade, com referência às implementações destas nos seus primeiros anos. Nesta composição metodológica sobre a observação de uma ínfima “maturidade”, vivenciada sobre indivíduos que assumem e reproduzem lógicas de ações e de concepções evidenciadas pelo “imediatismo”, concebidas por uma liquefação⁵ de suas relações para com as cronologias temporais naturalizadas historicamente: passado e presente.

O que deambula, acerca da inserção do ensino de história nos primeiros anos de história é “solidificá-lo” sobre a perjura de sua importância, contudo, esta só será possível, perante uma das principais características do saber histórico: o encanto promovido pela narrativa, que a priori deve ser concebida como verdade. Em uma de suas mais sublimes frases, Marx afirma: “tudo que é sólido desmancha no ar” (MARX apud BERMAN, 2007, p.111), assim levando esta máxima para o conhecimento histórico: de início deve haver uma “solidificação”, constituída pela relação do discente com o saber, assim como, o conhecimento “enraizado” deste, em detrimento de seu encantamento com este, em síntese: para haver uma

⁵ Ver Modernidade Líquida de Zygmunt Bauman.



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

desconstrução, primeiramente deve haver uma construção, para se “desmanchar” o conhecimento inicialmente deve ser “solidificado”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do pressuposto analítico deste curto modelo de proposição de análise, pode-se perceber que há indubitavelmente uma necessidade de uma mediação, entre a abordagem desconstrutiva/desnaturalizante da academia e a abordagem construtivista da escola, na medida em que, o modelo de abordagem de Mr. D transpõe uma óptica pedagógica que o conhecimento histórico não deve abdicar que é o seu poder de conquistar o discente, pela sua capacidade de “transportá-lo” para outras temporalidades, contudo, esta perspectiva de resgate não aos moldes da escola metódica, sobre uma pretensão de atribuir no indivíduo um senso de identidade enquanto nação, mas, tentar estimular uma maior proximidade com o conhecimento proposto.

REFERÊNCIAS

A ESCOLA da vida. Direção de Willian Dear. Canadá/ EUA: Califórnia Home Vídeo, c2005. 1 DVD.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. - São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MENEZES, L. F. O problema crítico: Filme escola da Vida: uma reflexão sobre a escolha de tendências para o processo de ensino aprendizagem. **Revista virtual Partes** maio/ago. 2011. Disponível em: (<http://www.partes.com.br/educacao/escoladavida.asp#.TmJsyRAZZ5E.blogger>) - Acessado em 17 de setembro de 2014.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história, Foucault revoluciona a história**. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. - 4. ed. - Brasília: UNB, 1998.